

A questão agrária no capitalismo dependente: elementos da questão social e a resistência do campesinato brasileiro [Letícia Chimini]

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v17i3.71496>

Mathias Luce¹

Título: A questão agrária no capitalismo dependente: elementos da questão social e a resistência do campesinato brasileiro

Autoria: Letícia Chimini

Cidade e editora: Curitiba, Appris

Ano da publicação: 2024

Páginas: 222

O livro de Letícia Chimini, *A questão agrária no capitalismo dependente: elementos da questão social e a resistência do campesinato brasileiro* (Curitiba: Editora Appris, 2024), trata sobre a dialética entre produção e reprodução do capital nas economias dependentes e suas implicações sobre a questão agrária. O trabalho é resultado, ao mesmo tempo, de pesquisa acadêmica original e dos anos de militância da autora quando atuou como quadro do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e da Rede Soberania.

Estribado na práxis, como deve ser com toda análise oriunda da teoria baseada no método de Marx, o livro de Chimini perscruta a formação econômico-social brasileira enquanto parte do capitalismo dependente latino-americano, preocupada com a intervenção sobre a realidade social para poder transformá-la. Fruto de sua tese de doutoramento em Serviço Social, o volume publicado conjuga as ferramentas da crítica da economia política com um texto portador da pedagogia dos movimentos populares, buscando ir além da linguagem hermética que por vezes predomina na academia.

Cada momento de seu trabalho se apresenta como um passo teoricamente embasado e voltado para a tarefa de – com a mediação da teoria – fazer com que as ideias se tornem força material, apoiando as lutas dos movimentos camponeses. Lidando com temas complexos, a autora é bem-sucedida em transitar entre distintos níveis de abstração e aproximar linguagens, como quando enuncia a interrogante: “o que retrocede quando o capital avança?”. Pergunta essa que preside o cerne de sua pesquisa.

Conforme argumenta, há determinados padrões de reprodução do capital que agudizam a (super)exploração e expropriação capitalistas, assim como há determinadas formas políticas que também concorrem para esse desfecho. Com essa colocação, Chimini busca explicitar o caráter relacional das diferentes categorias que expressam a totalidade social e sua processualidade no tempo histórico. Nesse

sentido, três temas principais perpassam o trabalho: 1) os padrões de reprodução do capital no capitalismo dependente; 2) a questão agrária e suas metamorfoses sob o antagonismo provocado pela agricultura capitalista de exportação, na fase da mundialização do capital; e 3) a importância da agricultura familiar camponesa e das lutas dos movimentos populares, entre eles os movimentos sociais do campo, para pensar e incidir sobre a questão social no Brasil.

A autora volta-se especialmente ao exame dessa agenda de pesquisa na conjuntura após o golpe jurídico-parlamentar desferido em 2016, entendido – a uma só vez – como consequência e causa da agudização da luta de classes no país, sob as tendências e contradições da atual quadra histórica no mundo. O livro de Chimini reveste-se, assim, de importância para a compreensão da questão agrária no Brasil atual, levando em conta as instâncias da totalidade social que vertebram a agenda de pesquisas e debates da teoria marxista da dependência, perspectiva teórica que lhe serve de referência e na qual atua como intelectual e autora.

No momento em que se reafirma, como tarefa fundamental, a compreensão crítica do capitalismo dependente, de suas características essenciais e dos desafios postos na presente conjuntura para a construção das transformações necessárias para a emancipação humana, o livro em tela honra essa tradição teórica, oferecendo reflexões e análises para pensar o campesinato como um dos atores decisivos do sujeito revolucionário.

Uma leitura que este trabalho suscita vai no sentido das considerações de Karl Marx na Seção VII no Livro III de *O capital*, quando tratou do antagonismo entre o capital e o campesinato em passagens ainda pouco conhecidas hoje e as quais denotam uma visão que difere daquela de *O 18 Brumário*, quando abordara acidamente a subordinação de camadas do campesinato francês ao regime de Luis Bonaparte – mas que não pode ser tomada como um balanço categórico e fechado de Marx acerca do movimento camponês em geral. Que o diga a própria correspondência do teórico alemão com Vera Zasulich.

Mas, digressões à parte, a tese de Chimini comprova que a forma mercantil simples com que o campesinato lida na produção de valores de uso; e a necessidade de acessar meios como financiamento, assistência técnica e canais de distribuição dos bens que produz para a sociedade – alimentos saudáveis e livres de venenos – fazem do campesinato uma força social que atua em defesa da vida, ao mesmo tempo em que se vê antagonizado duplamente pelo objetivo geral da produção capitalista e pelas tendências dominantes do padrão de reprodução do capital e do ciclo do capital na economia dependente, com as quais se defronta. E essa consiste em uma das batalhas mais importantes na construção de um novo porvir.

Aqui se revela a riqueza da tese da autora e das potencialidades transformadoras da luta coletiva da qual participa o Movimento de Pequenos Agricultores e o conjunto das organizações que integram a Via Campesina, cujo lema “globalizemos a luta, globalizemos a esperança” coaduna-se com o que, na teoria marxista da dependência, se defende como a necessidade de uma integração soberana dos povos. Uma integração que se contraponha à lógica da integração dos capitais, que submete os trabalhadores e trabalhadoras e a natureza e o meio ambiente ao imperativo da autovalorização do valor e sua lógica destrutiva.

Além do capítulo introdutório e da conclusão, o livro de Chimini é composto de mais quatro capítulos: *Capítulo 2. Produção e reprodução do capital*; 3. *A questão agrária*; 4. *As refrações da questão social: visibilizando o Serviço Social na questão agrária*; 5. *Campesinato: da expropriação à resistência*. Dois temas talvez suscitem indagações com a leitura. Um deles é chamar de *refrações da questão social* o que se conhece, de maneira mais assentada na literatura acadêmica, por *expressões da questão social*. O outro tema é se o golpe de 2016 teria inaugurado um outro padrão de reprodução do capital ou se deve ser caracterizado como o aprofundamento das tendências do padrão iniciado no final dos anos 1980, despontado pelo agronegócio e pela burguesia financeira, os quais articularam uma mudança de regime, como resposta violenta na esfera da política para abrir caminho a seus interesses de classe, diante das contradições da presente fase do capitalismo e diante dos impasses que sobrevieram durante os governos neodesenvolvimentistas.

Seja qual for a interpretação do leitor e da leitora neste debate, o livro de Chimini entrega uma contribuição destacada para o Serviço Social Crítico, para a teoria marxista da dependência e para as lutas populares. E o faz ao procurar integrar o estudo da questão agrária e da questão social, demonstrando como um movimento cuja gênese imediata fora relacionada à demanda por uma política social com a reivindicação do *auxílio seca* em um ano de grave estiagem, nos idos da década de 1990, foi trilhando um admirável caminho como um dos protagonistas de um potente movimento popular que disputa os rumos da sociedade. E que, nesse caminhar, questiona a lógica do capital sob o padrão de reprodução exportador de especialização produtiva e o rentismo, em prol da construção de um modelo produtivo baseado na agroecologia e tendo como horizonte a emancipação humana.

Ao longo do texto de Chimini, as múltiplas vozes de camponeses entrevistados formam a tessitura do método de exposição, que percorre assuntos como a luta contra a fome, a intencionalidade política da reforma agrária popular e a defesa da soberania nacional e popular, com o estudo concreto a partir da própria vivência junto aos processos de luta nos territórios estudados, nos estados do Rio Grande do Sul e do Pará. Trata-se de livro que entrega um belo instrumento de investigação para aprofundar o conhecimento sobre a formação social brasileira.

Notas

¹ Doutor em História. Docente da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Autor do livro *Teoria Marxista da Dependência: problemas e categorias* (Expressão Popular, 2018). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5352267635491503>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-5931-9912>. E-mail: mathiasluce@ess.ufrj.br.

Recebido em: 16 de dez. 2025

Aprovado em: 19 de dez. 2025